

“Parada de Rua” do LUME Como Festa Artesanal¹

Reynaldo Moreira
Antropólogo - SP

Eba! Estamos no Sesc Pompéia assistindo a um espetáculo "Parada de Rua", do pessoal do Lume!

Raquel, imensamente determinada, em seu bumbo, marca, e Cristina transporta, pequena porta bandeira italiana, seu "Xilofante", do alto sustentando melodias (heróicas, seus grandes instrumentos são muito imobilizantes, dificultando a pura graça corporal que no entanto elas mantêm). Renato, com gigantesca precisão de força, por vezes segura o compasso militar da caixa de guerra. Ricardo, no comando da tropa, tem seus momentos de felineta. Naomi costuma carregar no prato, pouco sutil instrumento de AFASTA!!! Que ela sutiliza (não arrebenta, não amassa, não encosta sequer: é sempre uma possibilidade reservada, subliminar, do estrondo). É quando surge Simioni, por cima de tudo, navegando ares com cantos profundos, baixos, e sua corneta ob-longa, por mais que pensemos ser mero figurativa, é concreta (toca). Jesser, por fim, na sanfona, opera basicamente, mas faz isso com tão concentrada arte de descontração que um espectador mineiro, tipo do machão rude, pra quem todo ator de teatro é "uma bicha" (ouvi da boca de sua mente suja), confundiu-o (justo Jesser, sujeito tão compacto, essencial), com "aquele baixin que fei demais sô". Poizé.

Começaram lá fora, na plena rua que hoje corta dois conjuntos de velhos galpões, assim como quem não quer nada, como se apenas sissurgidos. Aquele que passa que se prepare para embarcar, se disponível ou, tarde demais, foi pego desprevenido. E é desse modo que, se a coisa acontece desde o início sem início, muitos dos que resistem em aderir a circunstâncias mais ritualizadas (entrar no teatro,

¹ O Autor do presente artigo se refere ao espetáculo "Parada de Rua", que é realizado pelos atores Ana Cristina Colla, Carlos Simioni, Jesser de Souza, Naomi Silman, Raquel Scotti Hirson, Renato Ferracini e Ricardo Puccetti, apresentado no SESC POMPÉIA (São Paulo) em 17 e 18 de Abril de 1999 e no Parque da Água Branca (São Paulo) em 26 de Março de 2000. Esse espetáculo foi dirigido por Kai Bredholt - ator e músico do grupo dinamarquês Odin Teatret.

por si só, é uma barreira material ou ideal a muitos intransponível), sem querer, nesse caso, vêm-se "forçosamente", digamos, coomaravilhados de um minuto a outro, sem que no mais percebam-se assim, inseridos.

Forma-se então a fileira, que de início é inspecionada corretíssima e bobamente pelo comandante de olhos arregalados e faiscantes que em Elvira, minha irmã, metem medos. As primeiras pessoas se reúnem, vai acontecer alguma coisa.

Prontos????!!!

Começa a bandinha, começa o desfile, começa o contágio, começa a festa popular.

Um segredo simples e muito saboroso da "Parada de Rua" é que ela veio, através da "high-art" do moderno teatro globalizado (por Baco!, globaliza-se muito mais do que a merdinha eletrocotidiana!) resgatar e, porque não, transcender a velha e boa festa popular, coisa, pra quem como eu as sentiu, no próprio coração infantil, coisas humanas de verdade, contagiantes de gente!

Poizóóia! bandearam pra dentro, na chamada "área de convivência". Ali existem vastos espaços e corre até o luxo d'um'aguinha, mode riacho em leite de seixo roliço. Curioso lugar, duro e multiplicado aos longos desses anos, desde que Lina Bardi infiltrou sua amada alma da natureza, de arquiteta cabocla, no monolítico galpão da fábrica de barris da Pompéia. Em certa cena da "Parada de Rua" que agora, em outubro de 1999, filmo, Naomi esbofeteia e depois, entre gritos nipônicos, soca a barriga, primeiro, e em seguida a cabeça de Renato. Aí o diabo, estonteado, caminha em minha direção e cai pelo chão, afundando as mãos no "riacho" de Bô. Ainda meio abobado, antes de se levantar, lava concretissimamente o rosto falso do torpor das pancadas. Bravo! Poderiam ter repetido esse sucesso na segunda apresentação, poucas horas depois. "Absolutamente", assegura o Lume, "somos capazes do melhor, preferimos o risco do novo!"

Direita volver! (que beleza, há espaço bastante...). Esquerda! Direita, esquerda direita! Cuidado! Aqui tem gente! Direita, esquerda! Aqui, tem também, gente, "pois", diz o comando inflamado, "vamos forçar essa gente!...vamos rachar esse povaré pelo meio e é agora!! Reto!!! Reto reto!!! Agora limpou, limpou, pessoal, entãozas...direitas, direitas opsnão, não, correto, reto às esquerda!...

Ma qué qué isso agora, gente, não!, não! não!, cortante!, assim, bonito!, vamo lá!, de novo!, no meio...!"

De repente a turba, em meio à turba, paramos.

Silêncio, quietude de estátuas, silêncio de corpo inteiro, da "Parada de Rua" elétrica e seu pequeno naco de povo.

Eis que surge uma desaforada e digníssima Ave Maria. Surge não, vai surgindo. Capricho em observar. Essa "Ave Maria" desperta indecifrabílicas incômodas no âmbito, no ânimo de certas carascalmas situadas ali em torno.

Observo mas...

Mas cuidado, não se perca. Aqui! Não! Jáa...li, não, voltaram a se congregar, les enfants, retomaram a marcação...

Rátaplã-plãplã!Ráta-plãplãplãplã!Rataplãplãplã!Rataplãplãplãplã!

Rataplãplãplã!

Rataplãplãplãplã!

Rataplãplãplã!

Rataplãplãplãplã!

Direita vol, reto ver, esquerda reto reto mas, cuidado...

Pronto! Ufa! Pararam de novo, paramos.

Pronto?!

Qualouquê, não paramos nunca, mesmo parados.

"Parabéns pra você...nesta data querida...muitas

fe.li.ci.da.....diiiiiiiiiiiiiiiiis, muitos anos de vi...daaaaaa!!!"

Parabéns pra ninguém, ou melhor, pra todo mundo presente, belíssimo, renascido do hábito, renovado de emoção, de surpresa boa, e ademais em corretíssima, afinadíssima incorreção. Parabéns pra vocês do Lume! Parabéns para nós que nesta altura estamos já prá lá de dentro da brincadeira ou, que o seja ouvindo solasmente, timidinhos, meio de longe, ou roçando ariscos pela borda, provando apenas pequenas pitadas do fato imenso, não obstante nós somos os poucos que entre milhões decidimos passar a tarde do sábado no Sesc, dar uma olhadinha, acompanhar mais ou menos, levando crianças a passear, brincar e ainda gostar, velhos de todas as idades,

profundamente, de ver o teatro, dançar e cantar com ele, nem que só por dentro, "parado", "ver" representadas nele nossas deidades, nossos tambores rituais, nossos humores santos ou maléficos, ele que nos faz reouvir o parabéns pra você, pra mim, entre toda gente. Está de para-bem o artista da nova "Parada de Rua" mundial que de modo artesanal, delicado, respeitando a matéria de seu ofício (a pessoa, a festa vivas), modela-as e deixa-se modelar por elas, nessa troca intrincadíssima, apesar de na essência simples harmônica, sóbria de corpo forte no sorridente, no estúpido, no tolo pastiche e... em profundos matizes que injetam sentimento em tantos de nós, mais ou menos petrificados, que levamos uma vida dramática e esteticamente pobre. Houve um momento do segundo espetáculo de outubro em que observei um grupo de crianças ao lado de uma das cenas "estáticas", quando a bandinha pára para dançar, cantar, musicar, encenar. Um menino, não mais de cinco aninhos, tem bochechas enormes e grandes olhos sorridentes, uma maravilha! Outro, mais velho, dez, onze anos, já é pedra, finge de sério para se defender ("Eu não estou aqui. Eu não estou prestando atenção nisso. Eu estou alheio, noutro lugar."). Mas vê-se, "bate a perninha", duro dançando por dentro, seu corpo de menino fala mais alto, está ali e dali não sairia por nada nesse mundo.

Ora, porque, como a festa popular, a "Parada de Rua" é artesanal e, nessa qualidade, fomenta a brincadeira ingênua, espontânea, da feira? Primeiro, porque os instrumentos são básicos, ou os "músicos" não possuem técnica refinada, antes pelo contrário, pois pouco importa, se dão apenas para o gasto, é de um gasto de gosto bom: goiabada cascão. Segundo porque as peças tocadas não são muito elaboradas, quanto bastam para o músico inexperiente e o público leigo, e poderiam parecer óbvias mas óbvias é o que no corpo dessa molecada não são (o importante no suporte, para o artesão expert ou para o principiante, é o tanto da alma "real" do momento que pode nele insuflar: "nem tudo que é imenso é grande" ou "nem tudo que é pequeno, apenas por ser pequeno, é pequeno"). Terceiro porque, ao modo da festa popular, é feita e evolui pelos presentes, entre os presentes. Os outros espetáculos do Lume, Contadores de Histórias, Cravo, Lírio e Rosa, etc., também possuem esse caráter. É de se ver Renato, Cristina, Raquel e Jesser na estação rodoviária carregando todos os instrumentos, figurinos e cenário do "Café com Queijo" dentro de malas.

Encontro Cristina depois de uma das apresentações de abril e ela me diz como certa pessoa definiu a “Parada de Rua” como “um nada”, talvez tentando traduzir a sensação de que ela é feita desses pequenos materiais, instrumentos e melodias triviais, avemarias e parabéns rerepresentados, revitalizados por uma brincadeira muito simples, um nada. Desde que portanto o funcionamento da “Parada de Rua” (essa excelente, movimentada de corpo e de alma, espécie de anti-televisão), depende muito do funcionamento do espaço e da ânima do público em que, literalmente, mergulha, se projeta, se reordenando e reordenando a massa de fantasia humana que move e que a move no grande salão do mundo, a festa é feita por quem mesmo dela está a participar, para o puro gozo momentâneo de estar festando e só, assim assim mesmo, felizes espontâneos, Guimarãesroseanos, totais e apenas entre nós.

Simioni, em abril, compara os dois públicos do Sesc. No primeiro sábado ele está comportado, é fácil navegar, abrem-se com disciplina os corredores para o cortejo passar. No segundo, parece caloroso. No entanto está tumultuado (crianças agitadas, salpicam nos calcanhares, adultos não abrem os espaços necessários, evolui-se com dificuldade). Eu, por mim, de fora, acompanhei, nesse segundo dia, adultos cantando, batendo palmas, de um modo que não vi no primeiro, o que talvez tenha contribuído com parte da impressão de calor humano de que Simioni falava. Mas também pude observar, e Simioni talvez não, o jeito assustado de alguns do lado de que cá. Exemplo Senhor veio... espionou por uns segundos... de pronto achou a cena de tapas e beijos de Renato e Naomi, uma bobice divertidíssima, muito bem feita, achou... “coisaparadulto!”. Logo fingiu nervoso, totalitário, retirando rapidamente crianças e demais familiares da cena pecaminosa. Ai meu coração! Lá se vão os pequeninos, tristezinhos (viram num relance e vi que gostaram). Na banca da esquina, depararão com um cacho inteiro de revistas ostentando os bundões mais... bundudos do Brasil. O infeliz chegou num momento infeliz, no momento em que pôde projetar no saboroso sensual um motivo para escapar do medo de estar contido no teatro.

Se Exemplo Senhor tivesse surgido minutos antes, contudo, teriam, todos, embarcado?

Talvez não. Talvez sim. O certo é que certo teatro, o bom teatro de rua, sem que pequenos e grandes governantes brasileiros, japoneses, europeus e norteamericanos nem de muito longe

suspeitem, cumpre uma função de insanidade pública responsável pela cura milagrosa de muitos indivíduos que estariam à morte, deixados a sós naquele momento. Não se sabe quando a dureza daquele que viveu longo e solitário purgatório pode provocar um câncer. Não se sabe o momento em que uma profunda tristeza de perda d'amor precipita a derrota. Ser pego na "Parada de Rua" ou movimentos similares, em dados e preciosos instantes, pode fazer uma diferença vital para alguns. Porém, sendo todos os segundos, no fundo, cruciais para todos, beneficia todo caso certo de estreiteza, elevando horizontes que se mantinham até aquele momento no insuficiente e perigoso limite de si. Elevando o nível de diferenciação pessoal no seio da sociedade, enriquecendo o burguês pobre e rico, o índio e o caboclo, em maneiras de se sensidivertir, o teatro de rua exerce uma função de saúde pública ideoeficaz que escapa e escapará eternamente ao mecanômico, robocópico tecnocrata. O brasileiro do fim do século vinte e da megalópole de feitio fetiche capitalista, que constitui de alguma forma parte do público no Sesc Pompéia desses dias de "Parada de Rua", costuma trazer para o momento do teatro uma carga pesada. O trágico insuflado na "foule" pode provocar fúrias reprimidas e o teatro de rua não é para fracos, é ofício pesado e perigoso. Mas é certamente um dos mais compensadores, pois, confiante na ação profunda da afetivação, vê a onda da revolução percorrendo a face da multidão em quem se enrosca, imediatamente. Um governo de visão daria grande incentivo ao teatro de rua, pagaria fortunas a esses bravos atores, confiante em que a rápida difusão dos valores dramáticos iria reverter em enormes dividendos na economia que adviria da desnecessidade instantânea de construir e manter um número crescente de asilos, creches, prisões, hospitais e mesmo estradas (se o povo não viesse ao teatro, de algum modo, o teatro iria até o povo).

Uma vida afetiva, dramático-esteticamente vivaz só morre de acidente, de velhice ou de fome. Em meio aos seus, por outro lado, perpetuamente ilustrada, quer viver e viver e viver. Por outro lado, uma vida de estreiteza mumificada precisa pelo menos uma vez por mês ser capturada num artifício salutar de sonho do tipo da nossa "Parada de Rua" ou, no mínimo, deveria tomar uma vez ao dia uma pequena pílula droummondiana, de efeito rápido e eficaz. O indivíduo sai desses espetáculos de coração desopilado, já que a inocência, a bobice infantil, o riso solto, o choro nem que torto, quando provocados com perícia de profundidade, aplainam as rugas mais sólidas, desanuviam

preocupações há muito insurmontadas, balançam fadigas e preguiças monstras, desenterram solidões antiquíssimas, doídas demais. Eu mesmo, durante essa semana que passou, quando fui ver o Lume nos Sescs Pompéia e Consolação (com "Café com Queijo"), vivia um tormento que não pretendo perpetuar em palavras. E devo depositar aqui esse meu grão de areia, testemunho de gratidão ao pessoal do Lume por ter puxado um bom trecho da cordinha que muitos me estenderam para que eu me alçasse de volta à borda do poço, onde afinal todos nós vivemos e viveremos até a eternidade, não é verdade? Os Deuses de Atenas lhes paguem no futuro, amigos artistas, santos bons dos diabos!

Converso com Ricardo, depois da primeira "Parada de Rua" de outubro, em São Paulo. Estamos na fila para o bandeijão, almoçaremos juntos. Quibão! Pergunto sobre um fato que tentei filmar numa das apresentações de abril, quando ele pega pelas pernas um tormento loiro de uns sete anos que não lhe largava o pé, vira-o de cabeça pra baixo, carrega até o canto onde o revira de cabeça pra cima para jogá-lo dentro do lixo mais próximo. Comento que o que mais me havia impressionado (e não estou certo se a câmara o captou) era como o comandante tinha dado a impressão a mim, espectador, de ter lançado o menino realmente com força, pois o saco plástico estufou, com barulho característico de que recebeu uma carga pesada, do alto. Digo a Ricardo que não estou especialmente preocupado com a criança. Afinal, uns arranhõezinhos, talvez um pouco de sangue, resultassem em coisa excelente. Por exemplo? Uma pequena cicatriz de guerra, que o moleque iria mostrar orgulhoso o resto da vida, e uma bela amostra do limite do outro que de algum modo também não esqueceria. Apenas, caso ele tivesse uma visão instantânea dos limites físicos dos objetos com que interage teatralmente (incluindo os corpos das crianças, sendo um dos "personagens" da "Parada de Rua" que mais os atrai, com seu magneto de poder amalucado) seria interessante vê-lo falar desse tipo de percepção ativa muito rápida. Ricardo então me lembra uma cena daquele dia mesmo, que destaquei para ele pouco antes como belíssima, de um abraço que ele tinha dado num senhor gordo, de ar bonachão (está no vídeo). O que então ele me diz testemunha a respeito de quanto trabalho duro existe por trás desse sentido especial, explicando como dá, em sua precipitação desengonçada (quando parece andar sobre as cabeças das crianças com enormes pernas-de-pau cujo movimento imita - ou antes suscita - e que acabam sendo, na mente do bom sonhador, fantásticas pernas

vivas de pau), dá a impressão de que vai chegar com tanta velocidade sobre o velho bonachão que vai atropelá-lo e rolarão pelo cimento afora, mas nada disso acontece, pois tem a medida, sinaliza com o perigo para o público (o palhaço é melhor quando engana) mas mantém a coisa mais ou menos sob controle. O velho acaba recebendo um surpreendente enorme abraço, cambaleiam juntos um pouco, isto é certo, mas logo`squimdolelé (pois traz um chapéu-tamborim e em certas cenas não titubeia em sentar o samba forte no couro do próprio côco) se desembaraça e segue seu caminho desvairado, deixando o senhor (não é dos tímidos) a rir gostosamente. Sim, de fato, apreendo: no abraço do esquelético ao gordo bonachão há o mesmo rápido reflexo que permite a “Ricardo”, na confusão do espetáculo e ainda na pele (que tem seus próprios sentidos) do “personagem”, pensar, num raio, como vai-se livrar da criança sem limites (ou do funcionário robobô do Sesc), pentelhos que já lhe encheram o raio do saco, sem perder sua elegância violenta muito peculiar e entender, por um cálculo impossível à maioria dos mortais, que o saco de lixo não irá, muito perigosamente talvez, se romper, sob os pés do danadinho, ou a lata irá tombar. Isso ele viu, não rompeu o plástico, não tombou a lata, mas o comandante não pode parar, um segundo após já sumiu, o menino tenta então sair do lixo sozinho, encontra dificuldades (e ri, ri e o riso o atrapalha), o cesto vai rolar quando Elvira, e um homem que agora surge (o pai?), correm no socorro. Elvira chega a pegar a lata já na descida, se não me falha a memória, o que completa com chave de ouro a cena determinada pela vida da “Parada de Rua”. Depois do espetáculo vou verificar uma lata idêntica e vejo (ai como sou chato!) o que pensava ia ver, isto é, que os sacos de lixo são presos a quadradinhos de metal cortantes como faca, postos nas bordas da lixeira e se projetando para dentro. Deu azar: Ricardo não tem os olhos de raio X do Superomem mas seus anjos da guarda ainda são mais preciosos e precisos do que ele mesmo. Deu azar, saiu sem cicatrizes da guerra. No futuro, quem sabe, não mais contará o caso do dia em que enfrentou o comandante louco e tomou uma bela estocada, a coisa esquecer-se-á por si, talvez, por falta da marca que não se apaga. A criança invasiva encontra na “Parada de Rua” um ambiente móvel demais para que tenha tempo de dispersar ou atrapalhar, como muitas vezes as vi fazendo diante (e não, como no caso, adentro) de outros espetáculos.

Falo com Cristina, em abril, digo-lhe como adorei o jeito de festa artesanal da “Parada de Rua”. Digo, é impecável simples, e

sensimentaliza também, em nuances que, acredito, em outubro, estavam mais refinadas e mais tocantes. Eu adoro ver as faces, alegres, alegrando, peões, lavadeiras, secretárias, executivos, madames, crianças, adolescentes, idosos, uma espécie de "altista" apegado à mãe, alvo, multíssimo alheio, no entanto acompanhando, e vibrando no íntimo, com o que seu corpo, seus sentidos humanos reconhecem dos ritmos musicais, do povo movimentado, em dia de festa. Vi e filmei também a face de um velho senhor, que acompanhei acompanhando a "Parada de Rua" desde o começo. Ele está junto de seu pessoal: meninos, meninas, jovens e adultos, um grupo grande. Devem ser da mesma família: reconhece-se pelo mesmo padrão corporal e jeito idêntico que todos têm, enérgico, de seguir a "Parada de Rua". Certo ponto paramos para um suave solo da clarineta de Ricardo. Posso assim captar esse senhor, na câmara de vídeo, de frente, concentrado, emocionado. Que sons, vou registrando e me pergunto, que imagens de Cananéia, de Ouro Preto, de Juazeiro do Norte, das festas do Divino, há muito esquecidas, essa alma antiga trará? Que imagens, que vida o Lume, esse homem, eu, viemos agora resgatar?

Preparo a câmara. Matheus chega com violão às costas por volta das quinze horas. Leio trechos do diário, último caderno, capa azul escura, na mesa da cozinha. Preparo, depois, almoço ruim, pra "segurar a onda". Finalmente, partimos todos para o Sesc, chegamos lá já no início. Começo a filmar da rua, em ponto alto, esperando que fizessem como da primeira vez, uma semana antes, subindo-a, mas já inventaram escafeder para baixo, justo para a área que sempre esteve vedada aos não-sócios do clube. Mas é inverno. Sou mesmo um idiota achando que a coisa vivia fechada ou que viriam de novo por aqui por cima, né?! Mas sei aprender...Desço atrás, já filmando, sem cortes, andando, tentando entrar e dar ao espectador do vídeo uma idéia do espaço confuso, ambulante e divertido, da "Parada de Rua".

A "Parada de Rua" é uma seqüência cortada. Marchas e... "Parada de Rua" s. Dentro dos cortes: música, ação discursiva, cenas com começo, meio e fim. Dentro dessas cenas, além do seu sabor inteiro, imediato, há um milhão de detalhes estéticos que fazem a maravilha do ceramista, do pintor, do cineasta, do fotógrafo, do músico, do ornitólogo, sei lá. Certa hora estão simplesmente parados lado a lado o nanico do Jesser e esse vara-pau magricela que é Ricardo. Pergunto: quem lucra mais? Meu espírito teatral que estoura de vir

diante dos dois, assim postados? Ou meu olhar esteta que alcança cumes de satisfação em sua estátua viva? Onde, quando em mim, no velho em mim, fantasma reafetivado, esse momento único brotará? Ele já não é eu? Já não somos parte de mim, parte dessas folhas, partes de nós? Mônica, por seu lado, notou como o fato de Jesser ter cortado o cabelo comprido (que antes usava enrolado para o alto), acentuou ainda mais a risonha diferença em relação a Ricardo. Está perfeito, até a natureza parece conspirar.

Flávio é um amigo que vem de um lugar do extremo noroeste chamado Santa Fé do Sul. Traz sempre pães e broas de fubá feitos por Irene. É meu manjar. Com leite, café, requeijão, caio de boca e não saio mais. Eu e Flávio fizemos e tomamos um desses magníficos cafés com pães de Irene e fomos lá de casa até ali perto, no Sesc Pompéia, assistir à “Parada de Rua” do Lume. Salta aos olhos, como em abril, o saboroso caráter artesanal dessa “Parada de Rua” de outubro.

O Lume usa recursos cênicos simples, divertidos e diversificados, mas não em avalanche, como essa mera exibição de artifícios que muitas vezes se vê no circo velho e novo. Ricardo e Simioni me falam das diversas apresentações que acabavam de fazer, na Bolívia. Num pequeno vilarejo, andaram por ruas estreitas e tortuosas trazendo atrás de si a multidão de camponeses índios. Por outro lado, num hospital, onde não podiam se movimentar, fizeram totalmente outra “Parada de Rua”. Eu, o tolo, imagino que um público fixo é incompatível com a dinâmica de marcha e correria que acredito ser inseparável desse espetáculo. Pergunto-me (e seria interessante que os do Lume falassem mais sobre tais diferenças), de que forma o ritmo e intensidade do espetáculo foram rápida e radicalmente modificados para essa aparente infeliz circunstância. O ator experimentado não teme, não recusa, antes anseia por desafios do gênero.

Para finalizar, tenho algo mais a dizer sobre o comandante. É uma espécie de mestre de cerimônias. Avalia os da “Parada de Rua”, comanda, fica à parte da evolução do conjunto e está mais livre para interagir com as pessoas. Tem um cordão atado ao ritmo da “Parada de Rua” (que influi em seu caráter no momento de atuar com a gente, ora cerimonial, ora carinhoso, ora clown - tão transbordante de amor que chato, pelinha - ora atropelante, terrorista que transforma sua clarineta em mosquetão e seqüestra mais uma criança), tem outro cordão atado à necessidade do comando, da decisão de guiar até a

próxima cena. Ricardo faz tudo isso num gênio misto de naturalidade e rigor, dentro dos limites do personagem e do roteiro da “Parada de Rua”, que são dignos de nota. Sua posição permite esse vai e vem, de modo mais contínuo que os outros (que também têm seus momentos, mas estão mais freqüentemente musicando ou musicando-encenando para ele, como fundo, ou como um fundo independente que não deixa de servir para Ricardo). Há assim respiradouros por todos os lados, dentro da estrutura. Cada um exercita seu personagem (e Cristina me contou como eles, e a indumentária-instrumento que os compõem, surgiram naturalmente, desde os primeiros experimentos) em conjuntos diversos (o espetáculo se distende), como há um momento dado, geralmente pelo maluco rígido comandante, em que se reúnem, refazendo o espírito da marcha. Depois de ler esse texto, Ricardo me telefona e diz que, em seguida à última apresentação do Sesc Pompéia, um menino lhe apareceu perguntando se não se lembrava dele, aquele que, meses antes, ele tinha jogado dentro do lixo. Era o filho do pipoqueiro que trabalha em frente ao Sesc. Conta também como só largou dele quando foi embora. Digo a Ricardo como senti, no primeiro espetáculo de outubro, um trabalho de refinamento da carga emocional de certas passagens. Ele afirma que cresceram muito com o festival da Bolívia. Viva a Bolívia.

Agora estamos em abril de 2000 e há um mês o Lume apresentou a “Parada de Rua” no Parque Água Branca, de volta a São Paulo. Depois do espetáculo, fizemos um lanche no parque e conversamos um pouco. Quero voltar aqui a um assunto que foi ventilado na mesa do restaurante. Comentei com Ricardo sobre mais uma daquelas impressões de “sobrenatural” que ele me causou (semelhante ao “andar em pernas-de-pau acima das cabeças das crianças” do Sesc Pompéia). Trata-se do momento em que transformou sua divagação alucinada em pernas-de-pau abstratas numa penosa, estafante cavalgada. O que existe aí de genial é o uso muito econômico (e por isso mesmo, muito sutil) dos ritmos e dos espaços do momento. O galope ia sendo feito no âmbito do asfalto, junto ao público. Ali Ricardo vai girando, girando, girando até que, no tempo certo, “alça vôo” numa ampla carreira rumo ao campo aberto e, bem ao largo, de volta. Que maravilha! Em mim nunca mais isso se apaga! Importante é, como dizia, o uso econômico do recurso: se Ricardo tivesse ímpetos menos refinados, talvez tendesse a abusar desse efeito cênico, dando duas ou mais voltas no grande campo de areia. Nesse caso, de algum modo estaria perdida a maravilha. Como esteve,

me pareceu ter surgido como um belo ápice. Mais uma vez fico impressionado pelo insight muito rápido que o personagem tem do uso plástico do espaço em que se encontra, dentro da dinâmica intensa do espetáculo. É bom falar sobre isso: se para os atores é muito claro que o personagem incorporado guia-se por si mesmo, penso que a maioria das pessoas (eu mesmo só vou aprendendo isso desde a convivência intensificada com os clowns), se acredita que os atores têm papéis determinados que os dirigem mais ou menos mecanicamente, sabe talvez pouco a respeito de como essa segunda alma possa possuir sentidos próprios e espontâneos (absolutamente diversos dos que teria a pessoa do ator) que a orientam diante de coisas e pessoas de um mundo cambiante como é o da pessoa mesma, no caso da “Parada de Rua”, o próprio espaço público. Naquele mesmo dia, lembro-me também de Ricardo comentar, à mesa, como os dinamarqueses fazem uma “Parada de Rua” mais “cerebral”, “planificada” (as aspas se justificam porque tais signos verbais afinal, sabemos, são precaríssimos diante da coisa toda, ou seja, são apenas uma tentativa de aproximação do real muito complexo). Que o seja: constituída, pelos dinamarqueses, uma boa forma de fazer, o pessoal do Lume, antiquíssimos meninos caboclos do Brasil, injetam a alma espontânea que, na minha opinião, é o que empresta aos bons espetáculos teatrais a aura fabulosa que amo tanto, mesmo que pobremente, seguir tentando trocar em palavras, por puro prazer aliado a necessidades de instrução de quem não teve ou não terá a sorte de presenciar o mesmo imenso fato, em carne, olhos, ouvidos, tripas e ossos. Tento dar-lhes aqui uma vaga idéia, falando de algumas impressões trocadas com quem concebe e faz o espetáculo.

Há uma semana, reencontro Ricardo em Campinas e conversamos longamente sobre A “Parada de Rua” do Parque Água Branca e do que acabo de falar, acima. Lembro que, no parque, acompanhei o grupo pouco antes do início do espetáculo, quando analisavam em conjunto o ambiente em que a “Parada de Rua” ia transcorrer. Digo-lhe então que não notei que tivessem uma preocupação muito grande em ficar fazendo uma análise detalhada do terreno, tampouco em trocar entre si muitas idéias verbais. Ricardo confirma essa minha impressão, e acrescenta que, embora tenham dado uma boa olhada e averiguado as melhores possibilidades daquela parte baixa do parque, não lhes ocorreu de forma alguma uma análise muito rígida que pudesse servir de base para um desfile bem determinado. Havia, claro, várias ambiências interessantes que podiam

ser exploradas, mas eles apenas cuidam de observá-las com atenção, deixando em aberto as formas diversas de exploração do espaço, algo que vai-lhes ocorrer apenas (e parece ser desejável que assim seja), de forma dinâmica, no curso mesmo da “Parada de Rua”. Ricardo ainda acrescenta que a entrada da arena lhe passou desde a primeira análise como um bom lugar mas que foi mera coincidência o fato do cortejo chegar àquele local no momento exato da “cavalgagem em pernas de pau”, do “vão” ao campo aberto e tudo mais de que falava. “Claro”, completa, “vendo a entrada da arena mais próxima, é possível que eu, como o líder, no último momento, tenha induzido os outros a parar ou se adiantar para parar ali, mas não prevíamos que o espetáculo chegasse naquele momento àquele local”.

Vê-se, nesse episódio, o modo como a “Parada de Rua” se desenrola, técnica e ludicamente, para falar nos termos da moderna antropologia, entre a estrutura e a contingência: a estrutura, que permite o espetáculo, ganha o sabor especial, afetivamente potencializador, dessa capacidade mesma de se nutrir do momento espacial e humano da performance.

Para finalizar, deixo aqui uma observação que me fez Ricardo a propósito do uso que faço nesse escrito da palavra “personagem”. Ele diz que, tanto na “Parada de Rua”, quanto em outros espetáculos do Lume, o “personagem” é o próprio ator. E insiste na idéia. “Não existe uma separação entre o ator e o personagem e assim talvez seja inapropriado falar em termos de personagem”. E cita o exemplo do “Café com Queijo” em que parecemos ser recebidos pelos atores dentro de casa. Às vezes eles saem do plano da peça e se dirigem a nós como se nos recebessem à mesa da sala. Paulinho falava a mim e Cristina sobre como acreditou, verdadeiramente, infantilmente (oh sublime vitória do artifício teatral!), quando Raquel reclama de uma moça da platéia, ao lado de onde estava assentado seu “personagem”: “eh! você menina, então não entrou com o pé sujo de barro aqui na minha casa, o diabo!” Presença pessoal do ator nos proporcionando uma proximidade que é a que teríamos numa visita ao ancião sertanejo, ao ditolouco do vilarejo, à moça tímida porém namoradeira que mora na sozinha palhoça; presença de um “real imaginário”, o que talvez possa nos tocar mais profundamente. E é por tais motivos que, para terminar, não posso deixar de aproximar essas considerações de um trecho do livro de Octavio Paz que reli esta semana, “Claude Lévi-Strauss o el Nuevo Festín de Esopo”. Ouçamos as sonoras e sábias

palavras de Paz: Na música e nos mitos há "uma inversão da relação entre o emissor e receptor pois o segundo se descobre significado pela mensagem do primeiro: a música vive em mim, eu me escuto através dela... O mito e a obra musical são como um diretor de orquestra cujos ouvintes fossem os silenciosos executantes". De novo: poeta e leitor são momentos de uma mesma operação; depois de escrito o poema, o poeta se torna só e são os outros, os leitores, os que se recriam a si mesmo ao recriar o poema. A experiência da criação se reproduz em sentido inverso: agora o poema se abre ante o leitor. Ao penetrar nessas galerias transparentes, se desprende de si mesmo e se interna em "outro ele mesmo", até então desconhecido. A um tempo o poema nos abre as portas da estranheza e do reconhecimento: eu sou esse, eu estive aqui, esse mar me conhece, eu te conheço, em teus pensamentos vejo minha imagem repetida mil vezes até a incandescência...O poema é um mecanismo verbal que produz significados só e graças a um leitor ou ouvinte que o ponha em movimento. O significado do poema não está no que quis dizer o poeta senão no que disse o leitor por meio do poema. O leitor é esse "silencioso executante" de que fala Lévi-Strauss. É um fenômeno comum a todas as artes: o homem se comunica consigo mesmo, se descobre e se inventa, por meio da obra de arte".